



MARQUES, José Geraldo. A poesia nas páginas do jornal negro *Getulino*: entre lirismo romântico e resistência. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 11, Julho 2012. [<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br>]

A POESIA NAS PÁGINAS DO JORNAL NEGRO *GETULINO*: ENTRE LIRISMO ROMÂNTICO E RESISTÊNCIA

José Geraldo Marques¹

RESUMO

Este artigo analisa, de uma perspectiva discursiva, entrelaçando dialeticamente história, ideologia e linguagem, quatro poemas publicados pelo jornal negro campineiro *Getulino*, que circulou entre 1923 e 1926. O primeiro, *Boas festas* (1923), de autoria de Dioclesiano Nascimento, é um exemplo da influência tardia do romantismo presente na grande maioria dos poemas que circularam nas edições do *Getulino*. Os outros três, *Fome e escárnio* (1924) e *Em torno de um projecto* (1924), os dois de J. Augusto Marques, e *Ódio* (1923), de Archimimo de Carvalho, destoam desta orientação lírica, colocando-se como peças de resistência da comunidade negra da época.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Negra, poesia negra, racismo, resistência.

ABSTRACT

This paper examines, from a discursive and dialectical perspective intertwining history, ideology and language, four poems published by *Getulino*, a black newspaper that circulated in Campinas, SP, Brazil, between 1923 and 1926. The first, *Boas festas* (1923), written by Dioclesiano Nascimento, is a late example of the influence of romanticism present in the vast majority of the poems that circulated in *Getulino* editions. The other three, *Fome e escárnio* (1924) and *Em torno de um projecto* (1924), both by J. Augusto Marques, and *Ódio*, by Archimimo de Carvalho, steer away from this lyrical tendency becoming part of the arsenal of the black community's resistance.

KEYWORDS: Black Press, black poetry, racism, resistance.

1. Doutor, Univ. Estadual do Centro-Oeste (Unicentro - PR). [maframarkes@yahoo.com.br]

Introdução

Os jornais da Imprensa Negra (doravante IN)² desde o final do século XIX, mas principalmente nas primeiras décadas do século XX, estavam imbuídos de um mesmo propósito: “denunciar as condições de vida, a segregação, a falta de oportunidades, o cotidiano do racismo e a violência experimentada pelas populações negras, sobretudo nas cidades” (Gomes, 2005, p. 32). Bastide (1973, p. 134) vê a IN nascida sob o signo da desigualdade; para o ensaísta, ela serviu como órgão de protesto da comunidade negra, embora ele deixe claro que a educação do negro talvez fosse sua função principal.

O *Getulino*³, semanário negro de Campinas, SP, circulou entre 1923 e 1926. Foi fundado por seis homens negros: Benedito Florêncio (também um dos fundadores do *Baluarto*, em 1903 e do *União*, em 1917)⁴, os poetas Lino Guedes e Gervásio de Moraes (os dois, também jornalistas do *União*), Alcino Moraes e os irmãos Martino e Christino José de Andrade. Segundo Miranda (2005, p. 56-57), os três últimos foram os financiadores do jornal e os três primeiros, responsáveis por sua orientação editorial e circulação. Guedes era o seu redator-chefe e mentor intelectual.

Para Miranda, além de instrumento de protesto, o jornal negro de Campinas atuava como instrumento educativo e político, filtrando informações de diversas procedências (grande imprensa, pan-africanismo, teorias raciais etc) “visando à ascensão social do negro”. Para ele, os militantes negros “não combatem as representações sociais com as quais convivem, mas negociam com elas” (op.cit.; p. 15).

Quanto à preocupação educativa do jornal negro, Moura (1988) afirma que:

A preocupação com a educação é uma constante. O negro deve educar-se para “subir na vida”, conseguir demonstrar que ele também pode chegar aos mesmos níveis dos brancos através do aprimoramento educacional. Para isso deve deixar os vícios como o alcoolismo, a boemia, deve abster-se de praticar arruaças em bailes, deve ser um modelo de cidadão (...). (MOURA, 1988, p. 204)

Estamos de acordo com a ideia de que o jornal negro campineiro, assim como, em geral, toda a IN paulista, além de órgão de protesto da comunidade negra, era um instrumento educativo e político

2. A IN paulista compreende um período bastante largo que vai, *grosso modo*, da publicação, em 1888, do *Treze de Maio* até a publicação, em 1963, do *Correio D'Ébano*.

3. O nome *Getulino* foi inspirado nas *Trovas Burlescas do Getulino*, obra poética maior de um dos grandes vultos da causa negra da história deste país, Luiz Pinto Gama.

4. Ambos jornais da chamada “Imprensa Negra” (IN). O *Baluarto* é provavelmente o primeiro jornal negro do Estado de São Paulo.

que tinha como objetivo nodal a ascensão social do negro, não por intermédio de uma contraposição às representações sociais vigentes, mas, como quer Miranda, “negociando com elas”. No entanto, acreditamos que o *Getulino* é bem mais que um instrumento político e educacional de uma etnia, pois há nele um “projeto educacional” de integração e ascensão do homem negro na sociedade dos brancos e esse projeto está perfeitamente condizente com um “projeto linguístico” purista de discursos de matizes mais ou menos formais que aparecem ao longo das edições do jornal negro de Campinas.

No *Getulino*, os textos perenes, ou seja, aqueles que vão marcar um tempo na história e que remetem a um tempo na História da humanidade, vão representar na linguagem, o projeto educativo de inserção e ascensão do negro na sociedade branca. Trata-se de textos graves, de intenção pedagógica e que refletem uma cultura consolidada de grandes escritores, estadistas e tribunos, muitos dos quais negros e, por isso mesmo, exemplos para os leitores negros que, segundo os idealizadores do jornal, deveriam lutar por cidadania em uma sociedade cujo poder era branco. Textos, portanto, que conformam a “hegemonia discursiva” do *Getulino* e que ocuparam, desde sempre, os lugares de destaque do jornal, principalmente os da primeira página.

No entanto, destacamos também os discursos à revelia, marcados por textos secundários que dialogavam com as necessidades cotidianas das comunidades negras. Textos não-perenes, que vão diluir-se na grande História: lembranças de aniversários e falecimentos, elogio a jovens poetas ou à beleza das moças negras, notícias sobre doentes e hospitalizados, convites para bailes e jogos, congratulações por uma formatura ou pela primeira paternidade, comentários sobre um jogo de futebol etc, todos marcados por um estilo informal bem distante do projeto linguístico purista do *Getulino*. Discursos, portanto, contra-hegemônicos, contrastando e dialogando com a discursividade hegemônica do jornal negro de Campinas.

Análise

O jornal negro campineiro, como na maior parte da imprensa negra da época, publicava poesia em seus números. No caso do *Getulino*, foram poucos os números não contemplados pelo menos com um poema.

Normalmente eles apareciam na posição mais central possível, no topo da primeira página e, muitas vezes, com ornamentos gráficos que os evidenciavam ainda mais. A poesia, portanto, era valorizada pelo jornal negro. Mas em que termos se dava essa valorização? Já dissemos que o projeto central do *Getulino* era a educação do negro, visando a sua inserção no mundo branco. O negro deveria educar-se por completo e, para isso, um conhecimento mínimo ou básico de literatura era desejável. Ser leitor de poesia, para a época, era um diferencial importante para se portar bem “em sociedade”,

para adentrar os salões burgueses “com classe”; ler poesia era o passaporte para a legitimação de um certo pertencimento à civilização e sinal de refinamento pessoal.

É evidente que estamos falando de uma concepção burguesa de literatura e de leitura. A obra literária como entretenimento, como citação e ilustração. Ilustração do homem cultivado e ilustração como imagem que vai coroar certo pensamento, uma frase bem colocada no contexto, um gracejo entre palavras graves.

No *Getulino*, a poesia vai, portanto, cumprir duplo papel: em primeiro lugar, ela será um instrumento de aproximação do homem negro com a literatura, “sua educação política dos sentidos”. O segundo papel da poesia no *Getulino* será o de “ilustração”.

Na primeira página do semanário negro, em posição de destaque, estão os textos educativos, graves, escritos em linguagem mais próxima do purismo. Textos que revivem a saga dos grandes vultos negros e a história heróica e dramática dos africanos e de seus descendentes no Brasil. Lá estão também os textos de combate, de opinião, ao calor da hora: textos que fustigam, ridicularizam, opinam. O peso da História e o agastamento dos combates hodiernos cansam. Daí a função ilustrativa: o encontro com a beleza, pausa para ouvir o “gorjeio das musas”; o intervalo de alguns poucos minutos entre as aulas densas de tantos mestres sérios e exigentes.

A posição central da maioria dos poemas publicados na primeira página nos dá fisicamente a impressão de que eles estão protegidos pelos textos de formação e de combate. São, portanto, textos que ilustram a primeira página. Pérola que brilha em meio a escombros, incerteza e dor, o poema está lá para ser lido e levar o leitor da página encarnada, vital, concreta, para outro lugar, outras paragens mais amenas, oníricas, líricas, amorosas, etéreas.

Esse é o caso do poema “Boas Festas”, dedicado ao quadro de damas do “G.R. José do Patrocínio de Campinas”, publicado no número 21 do jornal negro de Campinas:

Gosto das flores, dos perfumes delas
Principalmente das puníceas rosas,
– Flores queridas das gentis donzelas,
Que os versos cedem rimas primorosas!...

As violetas, as hortênsias belas,
São para mim as flores mais jeitosas,
para fazer-se algumas ricas telas
de poesias lindas e mimosas!...

Para presentes, neste fim de ano,
 Eu muita coisa tenho contemplado,
 Mas só conservo na memória um plano...

De boas festas, eu sem ter receio,
 Vos darei flores, que eu colher no prado,
 Em meros versos que aceitá-los creio.

(NASCIMENTO, 1923, p.1)

O poema do jovem e romântico cavalheiro negro que oferece flores-poemas para as *donzelas* do Grêmio Recreativo José do Patrocínio (uma das sociedades negras dançantes de Campinas na época)⁵ na primeira página do vigésimo primeiro número do *Getulino*, tem, à esquerda, um texto de Coelho Neto, “Pela vida e pela honra”, em que o escritor parnasiano critica asperamente a juventude e o relaxamento dos costumes; à sua direita, uma microbiografia e uma fotografia do mesmo Coelho Neto; um pouco mais abaixo, uma biografia do jovem acadêmico gaúcho radicado em Campinas, Abílio Álvaro Miller, um dos “gigantes”, segundo o *Getulino*, que lutaram pela abolição da escravatura e, quase no rodapé, uma pequena nota que dava notícia de um delegado de São Paulo para quem, antes dos bailes, os negros, em suas sociedades dançantes, deveriam prestar contas sobre a ordem e a organização dos salões.

A grande maioria dos poemas que ilustram a primeira página do jornal negro são peças líricas colocadas em formas rígidas, rimadas e metrificadas, herdadas do romantismo tardio e do parnasianismo. Evasão, subjetivismo, fé, idealização da mulher e sentimentalismo são as características mais marcantes da obra destes epígonos negros e brancos que desfilam na maioria das edições do *Getulino*.

Basta citarmos alguns dos títulos desses poemas para termos uma ideia mais concreta destes híbridos do romantismo e do parnasianismo. Peguemos uma sequência de edições de 1924: “O beija-flor”, de Euclides Oliveira (nº 24, 06/01/1924); “Coração magoado”, de J. Augusto Marques (nº 26, 20/01/1924); “Lindinha”, de Dioclesiano Nascimento (nº 32, 02/03/1924); “A rosa e a violeta”, de J. Augusto Marques (08/06/24); “A um passarinho”, de Dioclesiano Nascimento (10/08/1924). Se considerássemos qualquer outra sequência temporal, teríamos a repetição do mesmo padrão.

5. Para Bastide, a gênese da IN está nos movimentos associativos e, originalmente, segundo ele, boa parte dos jornais negros são apêndices de um dado clube que procura crescer. Cf. BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973. Cf. também MACIEL, Cléber. *Discriminações raciais*. Negros em Campinas (1888-1921), Campinas, Editora da Unicamp, 1987, p. 75-81.

No entanto, exatamente como acontece em outros gêneros, o discurso poético do *Getulino* é marcado por descontinuidades que ferem o projeto hegemônico de seus idealizadores. Um exemplo disso está no poema “Fome e escárnio”, publicado no número 44 do semanário negro e reproduzido abaixo:

O povo sofre, a fome invade os lares,
Na mesa do operário não há pão;
Mas, calmo e sempre cheio de pesares,
Ele aceita a migalha que lhe dão...

E assim, p'ra completar os seus azares,
A miséria que dói no coração,
À noite ele reúne-se aos seus pares
E vai jogar o ultimo tostão!...

E os grandes não olham para isto,
Pois, passam bem, é claro e está visto:
Quem tiver fome que trabalhe e ganhe.
E em contraste c'ò a crise que apavora,
Eles se riem de nós a toda hora
Com banquetes regados a Champagne!...
(MARQUES, 1924, p.1)

Finalmente um soneto que, ao invés de cantar o elogio ou o amor impossível a uma mulher, ou a infelicidade de ver a amada partir etc, tem como tema a fome do povo. Curioso é que não é a fome do povo negro jogado de lado pela jovem República: o poema trata da fome do “operário”, aquele que obedece aos novos parâmetros do trabalho e da organização do capital pós-abolição. O poema não é racializado, a fome é da maioria do povo espoliado pelas elites. A perspectiva é, portanto, social e não racial.

A forma é rígida: soneto organizado em versos decassílabos, em que os dois primeiros quartetos dizem respeito ao operário e os dois últimos, aos “grandes”, entenda-se, às elites, aos patrões, àqueles que detêm os meios de produção. No entanto, apesar da crítica social presente no poema, vemos que o operário é resignado e, por ser calmo e cheio de “pesares, aceita a migalha que lhe dão”. O “Grande Dicionário Larousse da Língua Portuguesa” (1999) define “pesar” como “dor moral (...)”,

desgosto, mágoa” (acepção 1) e “arrependimento e remorso” (acepção 2; p. 711). O oprimido aceita as migalhas das classes dirigentes com desgosto e mágoa, arrependimento e remorso.

Dói aceitar as migalhas, mas ele se arrepende de tê-las aceitado. O arrepender-se é sempre uma quase-reação. É possível que, no futuro, o oprimido não aceite mais as migalhas. No entanto, no presente, ele as aceita.

Esse oprimido magoado com as elites e arrependido de aceitar as esmolas oferecidas a ele, não obstante não ter nada ou quase nada, em um estranho impulso (atávico, como queria a ciência racia- lista da época), gasta suas últimas economias jogando.

Ora, esse operário, no poema, não tem nome. Ele é todos os operários. Ele é a classe operária. Como concordamos em entendê-lo como “trabalhador oprimido”, ele é todos os trabalhadores oprimi- dos, ele é a personificação dos oprimidos, dos pobres, dos explorados pelas elites.

O que temos aqui, portanto? A representação da tibiez e da fraqueza. Fracos e irresponsáveis são dois adjetivos que encontramos em muitas das páginas do *Getulino* para se referir aos próprios negros. Fracos e irresponsáveis, segundo o jornal negro, não conseguem se colocar “a prumo” e insis- tem na “vagabundagem”, no “vício atávico do álcool”, na “sensualidade animal”, em “formas religiosas primitivas”, na “linguagem errada da sarjeta”. Tudo isso agride o branco educado e civilizado. Como se integrar, nessa maneira “errada” de ser e proceder, à civilização ocidental, à sociedade dos opressores?

O poema de J. Augusto Marques, de uma perspectiva dialógica e discursiva, está falando dos negros. O poeta⁶ aceita, como aceitam os redatores do *Getulino* (não sem contradições e descontinui- dades), as representações negativas que a sociedade branca faz deles.

Os dois tercetos, porém, levam a inferências bastante interessantes do ponto de vista da resis- tência negra. Enquanto o arrependimento não der origem à não aceitação, por parte dos oprimidos, do *status quo*, a elite branca continuará a rir dos explorados. No entanto, quando o arrependimento tiver uma resposta política consequente do ponto de vista dos subjugados, os senhores brancos saltarão de suas confortáveis cadeiras e deixarão suas taças de champanhe cair. O micropoema “Come ananás”, do poeta e revolucionário russo Vladímir Maiakovski ilustra muito bem esta possível tomada de consci- ência: “Come ananás, mastiga perdiz/ Teu dia está prestes, burguês.” (SCHNAIDERMAN, CAMPOS & CAMPOS, 1982, p. 82).

6. Preferimos “poeta” a “eu lírico”, assumindo perspectiva bakhtiniana, que vê o “gênero poético” como um gê- nero *monológico* em que as palavras do poeta são as palavras do poema (diferentemente do “gênero romanesco”, *polifônico*, verdadeiro cruzamento de línguas, linguagens, registros, dialetos sociais etc). Cf. BAKHTIN, Mikhail. O discurso na poesia e o discurso no romance. In: _____. *Questões de literatura e de estética*. (A teoria do roman- ce). São Paulo: Hucitec/Unesp, 1993, p. 85-106.

Porém, estamos diante do que podemos chamar de “resistência possível”. Se o fundamento básico da IN e do *Getulino*, em particular, é a educação do negro, sua integração na sociedade branca e o reconhecimento pleno de sua cidadania, os limites de ação através da palavra impressa são muito estreitos. É importante deixarmos claro aqui que a resistência negra também se deu em outras instâncias e talvez ela tenha sido mais consequente nos sindicatos e demais associações do que na própria imprensa negra⁷.

Desta safra bastante pequena que escapa aos poemas lírico-parnasianos publicados no *Getulino*, destaco também o soneto “Em torno de um projecto”, publicado no vigésimo nono número do *Getulino* e abaixo reproduzido:

Nunca pensei que os altos dirigentes
Que moram na belíssima cidade
Onde Cristo, p’lo favor dos crentes,
Do Corcovado vai ser a Majestade!...

Nunca pensei que sábios intendentess
De leis votassem, contra a liberdade,
Aprovando um projecto, indiferentes,
Cometendo uma tal monstruosidade!...

Todos podem buscar a nossa terra,
Atraídos pelo ouro que ela encerra,
Em busca de melhoras ou de emprego.

De acordo c’o projecto, realidade,
Não se olha posição nem qualidade,
É bastante somente não ser negro!...
(MARQUES, 1924, p. 1)

7. Para uma visão mais abrangente da diversidade de visões de mundo e de propostas de atuação política do *movimento negro* da época, Cf. GOMES, Flávio. Negros e política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005 e MARQUES, José Geraldo. *Imprensa e resistência negra: o projeto integracionista em discursos do Getulino*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 2008, p. 85-88.

O poema de Augusto Marques alude a uma questão negra crucial para a época e transformada nas páginas do *Getulino* em uma dialogia admirável da qual daremos mais notícias em um futuro artigo: a possível imigração em massa negro-americana para o Brasil no início dos anos 1920, envolvendo o delicado tema do “branqueamento” e o mito da “democracia racial”. Diferentemente da maioria dos articulistas que compõe aquela dialogia, contrária à vinda dos negros norte-americanos ao Brasil, é cristalino no soneto o seu posicionamento contra a lei de restrição à entrada dos negros no nosso país.

Apesar da forma tradicional – trata-se de um soneto decassílabo – sua mensagem não esbarra em nenhum torneio sintático preciosista, com exceção da inversão do quarto verso do primeiro quarteto: o poema é direto e incisivo e o vocabulário, corrente.

Poema engajado, resposta pontual e localizada na História, se ele se mostra datado justamente por isso, sua coerência se mantém, pois ideologicamente não se pode impor nenhum impedimento a ele, não se percebe nele nenhum ruído: esse poema ainda hoje pode ser visto como um libelo contra todo e qualquer preconceito racista.

Poema questionador, escrito no calor da hora, do momento, “Em torno de um projecto” é, sem dúvida, obra de circunstância, sem distanciamento, características em geral apontadas como fatais para a maioria da poesia dita “política” ou “engajada”. No entanto, é justamente por ser um testemunho corajoso de um presente que se estendeu demasiado no tempo, que o poema não envelheceu. Além disso, seu olhar não é partidário e o tom de sua enunciação não trai nenhum didatismo.

Notável na publicação do poema é que ele faz parte daquela minoria de discursos contra-hegemônicos do *Getulino* e, diferentemente dos outros textos contra-hegemônicos, foi publicado na primeira página, atestando tolerância ideológica da parte dos seus editores. A resistência possível deu aqui, política e ideologicamente, um passo gigantesco em direção à autêntica palavra negra, embora tenha se colocado em confronto com muitas das vozes negras representativas do jornal.

Há, em algumas edições do *Getulino*, alguns poucos poemas que tematizam a questão do negro no Brasil. São poemas trabalhados de uma perspectiva distanciada, eivados de autopiedade e de fatalismo contra o destino negro, quando não traem representações do negro feitas pelo branco. Em nenhum deles, porém, observamos a veemência e a coerência de um discurso poético no tratamento do impacto brutal causado pelo preconceito racial no âmago do ser negro. O poema abaixo, publicado no décimo sexto número do *Getulino*, constitui-se em uma notável exceção àquela regra:

Ódio

O ódio eterno que eu nutro no meu peito,
 É justiceiro! É nobre e é sublime!
 E depois, por ser o uso de um direito,
 Se não odiasse, para mim, seria crime!

É também, o castigo mais perfeito!
 É a justiça que pune e não redime!
 Pois a infância nascida do despeito,
 Foi tão grande, tão cruel que nem se exprime!

Por isso, ao recordar-me do passado,
 Às vezes eu me sinto dominado,
 De um sinistro desejo de vingança!

Porém, nem ódio terrível de veemência,
 Docemente se aplaca, na inocência,
 Na ternura, de um carinho de criança!
 (CARVALHO, 1923, p. 1)

Nele não há queixas contra as humilhações infligidas aos negros, nem autopiedade, sublimação ou fatalismo. Simplesmente o poeta descreve seu sentimento de ódio e a vontade de vingança. Retomemos os dois primeiros quartetos: o ódio sentido pelo poeta sempre vai acompanhá-lo, é eterno. Nada poderá tirar dele essa característica permanente. Os argumentos que o justificam – “justo, nobre e sublime”, todos de ordem subjetiva, são legitimados pela constatação objetiva, concreta e social de “uso de um direito”.

Uso de um direito: o preconceito racial foi denunciado um sem número de vezes em artigos e pequenas notas do *Getulino*. Era absurda, para o jornal negro de Campinas, uma prática que desmentia diuturnamente a prerrogativa liberal da jovem República de que todos os brasileiros de qualquer raça eram iguais diante da lei. O ódio do poeta se justifica no uso de um direito: a escravidão havia sido abolida havia trinta e cinco anos e não havia mais senhores e escravos. E a República, pelo menos formalmente, traduzia, pela primeira vez, a possibilidade do exercício da tolerância entre as raças e da conquista da cidadania por parte do negro.

Mas mesmo fazendo uso de um direito, sutilmente o poeta observa que o ódio é um tipo de justiça que, diferentemente da justiça dos homens, pune a vítima, porque não a redime; o ódio que ele sente é justo, mas também é um castigo. O ódio que poeta sente não consegue redimir uma vida de humilhações que, de tão duras, ele não consegue exprimir. Já que a dor causada pelas humilhações sofridas na infância não consegue ser exprimida (mesmo no discurso poético), o único caminho para a liberação deste sentimento é o desejo de vingança, que às vezes assoma. É isso que nos diz o primeiro terceto: “Por isso, ao recordar-me do passado, / Às vezes eu me sinto dominado, / De um sinistro desejo de vingança!”

Até esse momento, temos a justificação do ódio, exprimida pelos quartetos, e o desejo de vingança que, ao contrário do sentimento de ódio, não é permanente, mas provisório: ele, sinistro, às vezes, se manifesta. Há aqui uma relativização do ódio originário e permanente. “O desejo de vingança é sinistro”. Para o “Grande Dicionário Larousse da Língua Portuguesa” (1999), o item lexical “sinistro” tem muitas acepções. Seu uso no presente contexto nos autoriza alguns: “que prenuncia desgraças; aterrador, apavorante; malvado, cruel, perverso e trágico” (p. 831).

Não é a primeira vez que o poeta demonstra consciência e discernimento sobre um sentimento. Isso acontece na segunda estrofe, quando ele percebe que o ódio é um tipo de justiça que pune e não redime a vítima. Mas é a primeira vez que ele julga um sentimento seu. Ele sabe que o desejo de vingança inspira medo e terá consequências nefastas, talvez trágicas. Aos seus valores, repugna um sentimento *cruel*, pois, vítima da crueldade, ele conhece a extensão dolorida desse sentimento e não a deseja para o outro, mesmo para o algoz branco. A segunda metade do soneto é inaugurada, portanto, pela relativização. Se, por um lado, o poeta sabe (e sente) que seu ódio é eterno e justo e é um castigo, porque não redime, por outro, ele sabe também que o sentimento de vingança é sinistro. O que fazer?

Recordemos agora o terceto derradeiro: “Porém, nem ódio terrível de veemência, / Docemente se aplaca, na inocência, / Na ternura, de um carinho de criança!” Chegamos à última estrofe, um momento complexo e extremamente interessante do poema. Se “**nem ódio terrível de veemência**” se aplacaria com a presença da criança, do sorriso dela, da sua ternura e inocência, o sentimento do terrível se impôs – o ódio é eterno. E a **vingança** (a veemência do ódio), “implacável”, mesmo diante de uma manifestação sensível. Esta é uma possibilidade de leitura.

O problema é que temos também, exatamente antes do operador argumentativo “**nem**”, o operador “**porém**”, quebra radical do sentido da orientação argumentativa do poema. Ele está lá, opondo o desejo de vingança (primeiro terceto), potencializado pelo ódio e intensificado pelas memórias doloridas de menino (nos quartetos) ao serenamento daquele desejo quando diante da inocência e da ternura de um carinho de criança (segundo terceto). A imagem sutil deste gesto de carinho no presente lembra a ele que aquele pequeno humilhado do passado era imbuído de ternura como qualquer criança.

No entanto, o abrandamento do desejo de vingança não vem daquele gesto sensível no presente, mas conecta o presente do poeta à sua infância difícil, produzindo o que chamamos de “esperança”. É ela – a esperança –, acredito, que o faz adiar o desejo de vingança mais uma vez. Esta é outra possibilidade de leitura.

Um outro argumento para justificação de nossa hipótese poderia ser o entendimento que, na última estrofe, “ódio terrível de veemência” é retomado pelo pronome ele, subentendido e iniciando o penúltimo verso do segundo terceto. Neste caso, ao operador “nem” poderia ser acrescentado “há” (e teríamos “nem há”) ou teria o sentido aproximado de “não há”: “Porém”, “nem” [“há”] [“ou = não há”] “ódio terrível de veemência, / [Ele] docemente se aplaca, na inocência, / Na ternura, de um carinho de criança”.

Em uma leitura, portanto, o ódio é eterno e sua possibilidade concreta de realização, a vingança, não se aplaca. Em outra, se o ódio é eterno, há um equilíbrio, pois o desejo de vingança pode ser aplacado e adiado pela memória futura da esperança. Como, no entanto, são leituras radicalmente opostas, nos encontramos diante de um impasse, pois não se trata de encontrar simplesmente uma possibilidade de leitura: paradoxalmente “nem” e “porém”, sintática e semanticamente, não levam a duas saídas, mas apontam para um único caminho possível. Qual seguir?

Acreditamos que o viés discursivo seja o mais interessante para a elaboração de uma hipótese. O que temos nessa junção incompatível de dois operadores, “porém” e “nem”, neste provável ato falho do poeta negro (e que daria, em outra perspectiva de trabalho, uma boa discussão sobre o inconsciente e sua possível porosidade à história e à sociedade), não é um impasse de leitura, mas o impasse histórico do negro brasileiro da época.

E ele pode ser traduzido da seguinte forma: radicalizar sua posição e canalizar seu ódio e seu justo ressentimento em um posicionamento rebelde e anti-institucional na procura de caminhos próprios que resultariam em outro tipo de sociedade (primeiro caminho) ou abstrair sua condição de negro, historicamente construída, se redimindo e apostando, pelo veículo da esperança, na integração do negro na sociedade do branco, com a promessa de um futuro melhor para a “raça negra” (segundo caminho) – esta, aliás, a proposta do *Getulino*.

Os movimentos sociais negros (inclusive a imprensa negra) da década de 1920 (segundo caminho) e os que surgiram a partir de 1930 (primeiro caminho) apostaram, apesar das dificuldades, contradições e contratemplos, nos caminhos delineados inconscientemente pelo poeta negro Archimimo de Carvalho.

Muitas foram as batalhas. Algumas, eles ganharam, outras, perderam. É bem possível que tenha havido mais perdas do que ganhos. Mas, o que importa é que eles pavimentaram muitos outros caminhos para a luta dos negros de hoje e de amanhã. Essa, sua grande vitória.

Artigo recebido: 30/12/2011

Artigo aceito: 24/03/2012

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhaïl. *Questões de literatura e de estética*. (A teoria do romance). São Paulo: Hucitec/Unesp, 1993.

BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BERND, Zilá. *Vozes negras na literatura brasileira: contraponto com as literaturas de língua francesa no Caribe*. Tese (Doutorado em Teoria Literária). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987

CARVALHO, Archimimo de. Odio. *Getulino*, Campinas, 11 nov. 1923, p. 1. (n. 16)

GOMES, Flávio. *Negros e política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GRANDE DICIONÁRIO LAROUSSE DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

MACIEL, Cléber. *Discriminações raciais*. Negros em Campinas (1888-1921). Campinas: Unicamp, 1987.

MARQUES, J. Augusto. “Em torno de um projecto”. In: *Getulino*, Campinas, 10 fev. 1924, p. 1. (n. 29).

_____. “Fome e escárnio”. In: *Getulino*, Campinas, 15 jun. 1924, p. 1. (n. 44)

MARQUES, José Geraldo. *Imprensa e resistência negra: o projeto integracionista em discursos do Getulino*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

MIRANDA, Rodrigo. *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas – 1923 – 1926)*. Dissertação (Mestrado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Dioclesiano. “Boas festas”. In: *Getulino*, Campinas, 16 dez. 1923, p. 1. (n. 21)

SCHNAIDERMAN, B.; CAMPOS, A.; CAMPOS, H. *Maiakóviski. Poemas*. São Paulo: Perspectiva, 1982.